

FICHA TÉCNICA

Título: *Mortal Engines*

Autor: *Philip Reeve*

Copyright © Philip Reeve, 2001

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2004

Tradução: *António Andrade*

Revisão de Texto: *Fátima Araújo*

Capa: *Imagem gentilmente cedida por Nos Lusomundo Audiovisuais*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, março, 2004

2.ª edição, Lisboa, outubro, 2018

Depósito legal n.º 206 601/04

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2745-578 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

O CAMPO DE CAÇA

A tarde mostrava-se escura e tempestuosa, embora fosse primavera, e a metrópole de Londres andava em perseguição de uma pequena cidade mineira, pelo leito seco do antigo mar do Norte.

Nos seus tempos mais prósperos, Londres nunca se teria dado ao trabalho de atacar uma presa tão fraca. A grande Metrópole de Tração já tinha passado os seus dias a caçar cidades muito maiores que aquela, desde o Deserto Gelado no Norte, até à costa mediterrânica, no Sul. Mas ultimamente todas as presas pareciam escassear, e algumas das maiores metrópoles já tinham começado a olhar para Londres com grande avidez. Havia dez anos que esta se escondia delas, ocultando-se numa região ocidental, húmida e montanhosa, que o Grémio dos Historiadores afirmara ter sido outrora a ilha da Bretanha. Durante dez anos, alimentara-se apenas de minúsculas cidades agrícolas e colónias estáticas nessas montanhas aquosas. Agora, finalmente, o Presidente da Câmara tinha decidido que chegara a altura propícia para guiar a sua metrópole pela ponte terrestre, de volta ao Grande Campo de Caça.

Ainda mal haviam chegado ao meio da ponte, quando os vigias das grandes torres de observação descobriram uma cidade mineira a cerca de trinta quilómetros de distância, mastigando os bancos de sal. Para a população de Londres, parecia um sinal dos deuses, e mesmo o Presidente da Câmara, que não acreditava em deuses, nem em sinais, pensou que este era um bom começo da viagem para este, e deu ordem para se iniciar a perseguição.

A cidade mineira viu o perigo e partiu em fuga, mas os enormes tratores de lagartas sob Londres já haviam começado a rodar cada vez

mais depressa. Em pouco tempo a metrópole avançava numa perseguição em alta velocidade, parecendo uma montanha móvel de metal, erguida em sete plataformas, como as camadas de um bolo de casamento, com os níveis inferiores envoltos no fumo que saía dos motores e as moradias dos mais ricos revelando de vez em quando a sua brancura, nos tombadilhos superiores, enquanto no alto de tudo, dois mil metros acima da terra destruída, irradiava o brilho da cruz dourada no topo da Catedral de S. Paulo.

* * *

Tom estava a limpar as vitrinas na secção de História Natural do Museu de Londres quando tudo começou. Reconheceu a vibração do chão de metal e olhou para cima, observando os modelos de baleias e golfinhos que pendiam do teto da galeria a balouçar de um lado para o outro sob os cabos que os seguravam, soltando suaves rangidos.

Não ficou assustado. Passara todos os seus quinze anos de vida em Londres, e estava habituado aos seus movimentos. Sabia que a metrópole estava a mudar de direção e a ganhar velocidade. Um arrepio de excitação percorreu-o, era a antiga emoção da caçada que todos os londrinos partilhavam. Deve haver presa à vista! Largando as escovas e os espanadores, encostou a mão à parede e sentiu as vibrações que subiam, em ondas, das enormes casas das máquinas que se encontravam lá em baixo, na Entranha. Sim, lá estava, o pulsar profundo dos motores auxiliares que entravam em ação, *bum, bum, bum*, como um enorme tambor ribombando no interior dos seus ossos.

A porta do outro lado da galeria abriu-se de rompante, e Chudleigh Pomeroy entrou furioso, com a peruca de lado e o rosto redondo completamente vermelho de indignação.

— Em nome de Quirke, mas que é...? — vociferou ele, ficando de boca aberta a olhar para as baleias que giravam sobre a sua cabeça e para os pássaros empalhados que tremiam e saltavam nas suas vitrinas como se quisessem libertar-se do seu longo cativoiro e se preparassem para abrir as asas e voltar a levantar voo. — Aprendiz Natsworthy! Que se passa aqui?

— É uma caçada, meu senhor — disse Tom, perguntando a si mesmo como é que o Delegado do Grémio dos Historiadores conseguia viver a bordo de Londres há tantos anos e ainda não reconhecer

o bater do coração da cidade. — Deve ser alguma coisa boa — explicou. — Puseram todos os motores auxiliares em funcionamento. Há anos que isto não acontecia. Talvez a sorte de Londres tenha finalmente mudado!

— Bah! — grunhiu Pomeroy, assustado por ver o vidro das vitrinas começar a gemer e estremecer em unísono com o pulsar dos motores. Sobre a sua cabeça, o maior dos modelos, uma coisa chamada baleia azul, que se extinguiu há milhares de anos, balouçava para trás e para a frente, nos seus cabos, como um pêndulo. — Pode ser que sim, Natsworthy — disse. — Só gostava era que o Grémio dos Engenheiros equipasse este edifício com amortecedores decentes. Alguns destes espécimes são muito delicados. Assim não pode ser. Não pode mesmo ser. — E do interior das pregas da sua longa toga negra fez surgir um lenço manchado, que utilizou para enxugar o rosto.

— Por favor, meu senhor — pediu Tom —, posso dar um salto até às plataformas de observação para ver a caçada, só durante uma meia hora? Há anos que não há uma das boas...

Pomeroy pareceu chocado. — Certamente que não, Aprendiz! Veja todo o pó que esta malfadada perseguição está a provocar! Todas as vitrinas terão de voltar a ser limpas e verificadas, para garantir que não há estragos.

— Oh, mas isso não é justo! — gritou Tom. — Acabei de limpar o pó desta galeria toda!

Percebeu logo que cometera um erro. O velho Chudleigh Pomeroy nem era muito mau, para um membro do Grémio, mas não gostava de ver um mero Aprendiz de Terceira Classe questionar as suas instruções. Ergueu-se em toda a sua altura (que era apenas um pouco maior que toda a sua largura) e franziu o sobrolho com tal fúria, que a sua tatuagem do Grémio quase desapareceu por entre as espessas sobrancelhas. — *A vida não é justa*, Natsworthy — bramiu. — Mais outro atrevimento destes e vai parar ao serviço na Entranha assim que a caçada terminar!

De todas as horríveis tarefas que um Aprendiz de Terceira Classe tinha de desempenhar, o serviço na Entranha era aquele que Tom mais odiava. Calou-se rapidamente, baixando com humildade o olhar para as biqueiras, muito bem polidas, das botas do Diretor do Museu.

— Disseram-lhe que tinha de trabalhar neste departamento até às sete horas, e *vai* trabalhar até às sete horas — continuou Pomeroy. — Entretanto, vou consultar os outros conservadores acerca deste horrível tremor...

E saiu logo, sempre a resmungar. Tom ficou a observá-lo enquanto ele desaparecia, depois pegou no seu equipamento e voltou ao trabalho, muito infeliz. Normalmente até não se importava de limpar, sobretudo nesta galeria, com os seus animais amistosos, comidos pelas traças, e com a baleia azul exibindo o seu enorme sorriso triste. Se começasse a ficar aborrecido, refugiava-se muito simplesmente num sonho acordado, no qual ele era um herói que resgatava belas raparigas das garras de piratas aéreos, salvava Londres da Liga Antitração, e vivia feliz para sempre. Mas como podia ele entrar num sonho acordado, quando o resto da metrópole desfrutava da primeira boa caçada em muitos anos?

Esperou vinte minutos, mas Chudleigh Pomeroy não regressou. Não havia mais ninguém por perto. Era quarta-feira, portanto o Museu não estava aberto ao público, e a maior parte dos membros seniores do Grémio e dos Aprendizes de Primeira e Segunda Classes estariam a gozar um dia de folga. Que mal faria esgueirar-se até lá fora por apenas dez minutos, só para ver o que estava a acontecer? Escondeu o saco de material de limpeza atrás de um iaque que estava ali perto e avançou rapidamente até à porta por entre as sombras dançantes dos golfinhos.

No corredor, também todos os candeeiros de árgon dançavam, espalhando a sua luz pelas paredes de metal. Dois membros do Grémio envergando togas negras passaram a grande velocidade, e Tom ouviu a voz esganiçada do velho Doutor Arkengarth queixar-se: — Vibrações! Vibrações! Estão a dar cabo das minhas cerâmicas do século XXXV... — Esperou até que as duas figuras desaparecessem para lá de uma curva do corredor, esgueirando-se depois rapidamente até às escadas mais próximas, pelas quais desceu. Passou pela galeria do século XXI, diante das enormes estátuas de plástico de Pluto e Mickey, deuses com cabeças de animais da América perdida. Correu pela sala principal e pelas galerias cheias de coisas que haviam sobrevivido de algum modo através dos milénios, depois de os Antigos se terem autodestruído naquela terrível saraivada de bombas atómicas e bombas de vírus, lançadas sobre a Terra na Guerra dos Sessenta Minutos. Dois minutos depois, escapava-se por uma entrada lateral, saindo para o meio do barulho e alvoroço da Tottenham Court Road.

O Museu de Londres encontrava-se mesmo no centro da Segunda Plataforma, no movimentado bairro de Bloomsbury, e a parte de baixo da barriga da Primeira Plataforma pendia como um céu ferrugento poucos metros acima do topo dos telhados. Tom não estava muito preocupado com a possibilidade de ser apanhado enquanto abria caminho

ao longo da rua escura e cheia de gente até ao Ecrã de Observação, situado no exterior da estação de elevador de Tottenham Court Road. Juntando-se à multidão que se encontrava diante deste, teve um primeiro vislumbre da distante imagem da presa; uma mancha aguada, azul-acinzentado, captada pelas câmaras da Sexta Plataforma.

— *A cidade tem o nome de Salthook* — bramiu a voz do locutor.
— *É uma plataforma mineira com novecentos habitantes. Desloca-se neste momento para este, a uma velocidade de cento e trinta quilómetros por hora, mas o Grémio dos Navegadores prevê que Londres a irá apanhar antes do pôr do Sol. Temos a certeza de que muitas outras cidades estarão à nossa espera para lá da ponte terrestre, prova mais do que evidente de como foi sábio o nosso bem amado Presidente da Câmara, quando decidiu voltar a trazer Londres para este...*

Cento e trinta quilómetros por hora! — pensou Tom com admiração. Era uma velocidade espantosa e ele ansiava por estar lá em baixo, no convés de observação, a sentir o vento no rosto. Provavelmente já tinha arranjado sarilhos com o Sr. Pomeroy. Que diferença faria se ele perdesse mais uns minutos?

Partiu em passo de corrida e chegou depressa a Bloomsbury Park, uma zona ao ar livre na borda da plataforma. Já tinha sido um bom parque, com árvores e lagos para patos, mas devido à recente escassez de presas fora transformado para a produção de alimentos, e os relvados tinham sido lavrados para dar lugar a leiras de couves e tanques de algas. No entanto, os palanques de observação ainda lá estavam, erguendo-se e ressaltando da borda da plataforma, como se fossem varandas onde os Londrinos podiam ir ver a paisagem movente. Tom dirigiu-se apressadamente para o mais próximo. Uma multidão ainda maior encontrava-se aí reunida, incluindo bastantes pessoas com as roupagens negras do Grémio dos Historiadores, e Tom tentou agir o mais discretamente possível enquanto abria caminho até à frente e espreitava por cima da grade. Salthook encontrava-se apenas a oito quilómetros de distância, viajando a toda a velocidade e lançando um fumo negro pelas chaminés de escape.

— Natsworthy! — gritou uma voz rouca, e Tom sentiu o coração cair-lhe aos pés. Olhou em volta e viu que se encontrava ao lado de Melliphant, um corpulento Aprendiz de Primeira Classe que, com um sorriso sarcástico, lhe disse:

— Não é maravilhoso? Uma pequena e gorda plataforma mineira de sal, com motores terrestres C20? É mesmo disto que Londres está a precisar!

Herbert Melliphant era um rufia do pior tipo, daqueles que não só batem nas pessoas e lhes enfiam a cabeça pela sanita abaixo, mas que também fazem questão de saber todos os segredos das suas vítimas e as coisas que mais as perturbam, para depois poderem escarnecer delas. Ele gostava de atormentar Tom, que era pequeno, envergonhado e não tinha amigos que o defendessem... e Tom não podia provocá-lo, porque a família de Melliphant pagara para que ele fosse Aprendiz de Primeira Classe, enquanto Tom, que não tinha família, não passava de um Aprendiz de Terceira. Tom sabia que Melliphant só se estava a dar ao trabalho de conversar com ele porque tinha esperanças de impressionar uma jovem Historiadora muito bonita chamada Clytie Potts, que se encontrava mesmo atrás deles. Tom concordou, com um aceno de cabeça, e virou-lhe as costas, concentrando-se na perseguição.

— Olhem! — gritou Clytie Potts.

A distância entre Londres e a sua presa diminuía a olhos vistos, e uma forma escura levantara voo de Salthook. Pouco tempo depois via-se outra e outra. Balões dirigíveis! As multidões nos palanques de observação de Londres aplaudiram, e Melliphant disse: — Ah, mercadores aéreos. Sabem que a cidade está perdida, percebes, por isso estão a certificar-se de que fogem antes que nós a comamos. Se não o fizerem, nós podemos confiscar-lhes as suas mercadorias juntamente com tudo o resto que se encontra a bordo!

Tom ficou contente por se aperceber que Clytie Potts parecia terrivelmente entediada com Melliphant; ela estava um ano acima deste e já devia saber aquilo tudo, porque passara os exames do Grémio e tinha a insígnia dos Historiadores tatuada na testa.

— Olhem! — voltou ela a dizer, com um sorriso malicioso, ao reparar no olhar de Tom. — Oh, vejam-nos voar! Não são lindos?

Tom afastou o cabelo solto dos olhos e ficou a observar os dirigíveis subirem cada vez mais alto no ar e desaparecerem por entre as nuvens azul-acinzentado. Por um momento apeteceu-lhe partir com eles, subindo em direção à luz do sol. Se ao menos os seus pobres pais não o tivessem entregado aos cuidados do Grémio, para se tornar um Historiador! Quem lhe dera poder ser camaroteiro de um dirigível e ver todas as metrópoles do mundo: Puerto Angeles a navegar no azul do Pacífico e Arcanjo deslizando sobre carris de ferro por cima dos gelados mares do Norte, as grandes *ciudades ziggurat* dos Novos Maias e as fortalezas imóveis da Liga Anti-tração...

Mas isso era um sonho acordado que seria melhor guardar para alguma tarde mais aborrecida no Museu. Uma nova vaga de aplausos avisou-o de que a perseguição se aproximava do final, e ele esqueceu-se dos dirigíveis e voltou a concentrar a sua atenção em Salthook.

A pequena cidade estava tão perto que ele conseguia ver as figuras das pessoas a correr de um lado para o outro, como formigas, nas plataformas superiores. Como eles deviam estar assustados, com Londres a aproximar-se cada vez mais e sem qualquer esconderijo à vista! Mas Tom sabia que não devia sentir pena deles: era natural que as metrópoles comessem as cidades, exatamente como as cidades comiam cidades mais pequenas e as cidades mais pequenas mordiscavam as miseráveis colónias estáticas. Assim era o Darwinismo Municipal, e era assim que o mundo funcionava havia já milhares de anos, desde que o grande engenheiro Nikolas Quirke transformara Londres na primeira Metrópole de Tração.

— Londres! Londres! — gritou, juntando a sua voz aos gritos e aplausos de todas as outras pessoas no palanque, que pouco tempo depois foram recompensadas com a imagem de uma das rodas de Salthook a soltar-se. A cidade abrandou até parar por completo, com as chaminés desabando sobre as ruas em pânico, e então as plataformas inferiores de Londres esconderam-na de vista e Tom sentiu tremer as placas do convés, enquanto as enormes Mandíbulas hidráulicas da metrópole se fechavam com estrondo.

Ouviram-se gritos entusiásticos nos palanques de observação de toda a metrópole. Os altifalantes colocados nos pilares de apoio das plataformas começaram a entoar o «London Pride», e alguém que Tom nunca vira abraçou-o com força e gritou-lhe ao ouvido: — Uma presa! Uma presa! — Ele não se importou, naquele momento adorava todas as pessoas que se encontravam naquela plataforma, até o Melliphant.

— Uma presa! — gritou em resposta, tentando libertar-se. E voltou a sentir tremer as placas do convés. Algures por baixo dele os enormes dentes de aço da metrópole estavam a apanhar Salthook, erguendo-a e arrastando-a para dentro da Entranha.

— ... e talvez o Aprendiz Natsworthy também queira vir — dizia Clytie Potts. — Tom não fazia ideia do que ela estava a falar, mas quando se virou, ela tocou-lhe no braço e sorriu. — Vai haver festa em Kensington Gardens hoje à noite — explicou a rapariga. — Dança e fogo de artifício! Queres vir?

As pessoas não costumavam convidar Aprendizes de Terceira Classe para festas, principalmente pessoas tão bonitas e populares como Clytie, e Tom perguntou a si mesmo se ela não estaria a brincar com ele. Mas, obviamente, Melliphant não pensava assim, pois deu um puxão na rapariga e disse: — Nós não queremos pessoas como o Natsworthy lá.

— Porque não? — perguntou ela.

— Bem, tu sabes — disse Melliphant irritado, com a cara quadrada quase tão vermelha como a do Sr. Pomeroy. — Ele não passa de um de Aprendiz de Terceira. Um servente. Nunca vai receber a tatuagem do Grémio. Nunca vai ser mais do que um auxiliar de conservador. Não é Natsworthy? — perguntou, desviando o olhar para Tom. — É uma pena que o teu pai não te tenha deixado dinheiro suficiente para fazeres uma aprendizagem *decente*...

— Não tens nada a ver com isso! — gritou Tom, zangado. A felicidade trazida pela caçada já passara e voltara a ficar nervoso, perguntando a si mesmo que castigo lhe estaria reservado quando Pomeroy descobrisse que ele se escapara. Não estava com disposição para as provocações de Melliphant.

— De qualquer forma, suponho que seja isso que acontece quando se vive numa espelunca das plataformas inferiores — gracejou Melliphant, virando-se uma vez mais para Clytie Potts. — Sabes, a mãe e o pai do Natsworthy viviam lá em baixo, na Quarta Plataforma e quando se deu a Grande Inclinação, foram esborrachados como duas panquecas de framboesa: *plof!*

Tom não lhe queria bater; mas aconteceu. Antes de se dar conta daquilo que estava a fazer, a sua mão encolheu-se num punho firme e saltou.

— Au! — queixou-se Melliphant, apanhado de tal forma de surpresa que caiu para trás. Alguém aplaudiu, e Clytie abafou uma risada. Tom limitou-se a ficar a olhar para o seu punho que tremia, perguntando a si mesmo como fizera aquilo.

Mas Melliphant era muito maior e mais forte que Tom, e já estava de novo em pé. Clytie tentou agarrá-lo, mas houve outros Historiadores que começaram a incitá-lo e um grupo de rapazes envergando as túnicas verdes dos Aprendizes de Navegadores juntaram-se a eles entoando: — Luta! Luta! Luta!

Tom sabia que as suas hipóteses de vencer Melliphant eram tão boas como as de Salhook vencer Londres. Deu um passo atrás, mas a multidão cercava-o. Nesse momento, o punho de Melliphant

acertou-lhe numa das faces e o joelho dele embateu com toda a força entre as pernas de Tom, que se dobrou e afastou a cambalear, com os olhos cheios de lágrimas. Então surgiu-lhe pela frente um vulto tão grande e fofo como um sofá, que fez «Ufa!», quando Tom se enterrou nele de cabeça.

O rapaz olhou para cima e viu uma cara redonda, vermelha e de sobrancelhas carregadas, sob uma peruca muito mal disfarçada; uma cara que ficou ainda mais vermelha quando o reconheceu.

— Natsworthy! — gritou Chudleigh Pomeroy. — Em nome de Quirke, que pensa que anda a fazer?